

(RE)INVENTANDO A RODA: DA BRINCADEIRA À CONSCIÊNCIA.

Tereza Bom-Fim¹

RESUMO

As cantigas de roda carregam um potencial socializador, interativo, motivador e produtivo tanto para a criança como para o profissional da educação infantil que propõe atividades de natureza dialógica e construtiva. Nesse percurso de leitura e análise dos dizeres das crianças desejo saber: Quais histórias de vida (familiar e/ou escolar) as crianças relacionam com a canção *O cravo e a rosa*? A presença mediadora do(a) professor(a) favorece o desenvolvimento da capacidade narrativa da criança?

Palavras-chave: educação infantil; cantigas de roda; interação; contexto familiar; contexto escolar.

ABSTRACT

The nursery rhymes carry a potential socializing, interactive, motivating and productive for both the child and the early childhood professional education that proposes activities in nature and constructive dialogue. In the course of reading and analysis of the wording of the children it is wanted to be known: What stories of life (family and / or school) children relate to the song *The carnation and pink*? The presence of the mediator (a) teacher (a) favors the development of narrative ability of the child?

Keywords: kindergarten, nursery rhymes; interaction, family background, school context.

1 APRESENTAÇÃO

Sabe-se que quando a criança chega à escola ela já é uma entusiasta e experiente leitora do mundo. Ela começa desde cedo a observar, prever, interpretar e atribuir significados aos seres, objetos, ações e situações do

¹ É professora adjunta IV da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia – CCSST, Imperatriz/MA. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Publicou as seguintes obras: *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias* (3ª edição) e *Caderno de Atividades*, com mesmo título, publicado em 2009 e *Professor-leitor: de um olhar ingênuo a um olhar plural* (2007). É votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, e membro da Academia Imperatrizense de Letras desde 2005. Pertence ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos – NIEDH (Cultura, Direito e Sociedade) da Universidade Federal do Maranhão.

mundo à sua volta. Essa busca de significados empreendida pela criança, pode ser entendida pelo(a) professor(a) como instrumentos que, incorporados ao cotidiano pedagógico, podem gerar desenvolvimento.

Percebe-se que, mesmo com as transformações ocorridas na sociedade através do tempo, as cantigas de roda continuam contando histórias, lendas e assim, mantendo vivas as tradições e rituais das gerações anteriores. Se não houvesse uma preocupação em transmiti-las às gerações posteriores, elas seriam desconhecidas ou esquecidas.

Nessa perspectiva, a prática educativa deve dar conta dos aspectos intelectual, afetivo e sensório-motor, de modo que não privilegie o cognitivo. Ou seja, a escola deve ser um espaço de desenvolvimento integral da pessoa. Ela é a primeira instância em que o ser humano, vivendo em interação social, constitui o seu eu, de maneira gradual e contínua. A escola é um lugar privilegiado de interlocução e a criança é um sujeito que estabelece relações sociais com os adultos e com seus pares.

2. “ERA UM TEMPO QUE [...]”

*“Era um tempo que [...]
 minha cidade o mundo;
 os meninos, seres humanos
 os homens, crianças que cresceram.
 A lua, a casa de São Jorge”².*

Em uma retrospectiva, recorda-se que os povos primitivos tinham uma educação estruturada de forma simples. As crianças imitavam e reproduziam atitudes e materiais utilizados pelos adultos quando estavam brincando. Desse modo elas adquiriam conhecimentos práticos.

Ponce (2005) assevera que a educação da criança não estava confiada a alguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. A criança ia gradativamente se amoldando aos padrões estabelecidos pela sociedade da época. Era na convivência diária com os adultos que ela assimilava as crenças e costumes. Era um tempo em que a criança vivia,

presa as costas da sua mãe, metida dentro de um saco, a criança

² Infância, poesia de Welinton Carvalho, composta de quatro estrofes.

percebia a vida da sociedade que a cercava e compartilhava dela, ajustando-se ao seu ritmo e às suas normas e, como a sua mãe andava sem cessar de um lado para o outro, o aleitamento durava vários anos, a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente” (Ponce, 2005, p.18).

Vê-se que a música faz parte da educação há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação de cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. No entanto, não havia uma preocupação com o desenvolvimento da criança, a infância não era tratada como uma etapa da evolução humana. Ou seja, a transmissão dos valores e dos conhecimentos e, de modo mais amplo, a socialização da criança não eram asseguradas nem controladas pela família. Nas palavras de Ariès:

“A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que sensibilidade.” (Ariès apud Parreiras, 2008, p. 56-57)

Percebe-se em nossa realidade que há ainda muitos profissionais da Educação Infantil pensando que as cantigas de roda estão fora de moda e que mais atraente para as crianças é cantar outras músicas da atualidade, sem se dar conta de que, enquanto canta e brinca, a criança eleva a imaginação, explora novos caminhos, raciocínios, apreende conceitos, numa dinâmica que exige dela uma ação reflexiva, indagadora, socializadora, desvendadora e (cri)ativa. Relações estas que constituem a essência psicogenética da educação lúdica, em oposição à passividade, a alienação, e ao condicionamento da pedagogia dominadora. Para (GUTIER E MARTINS, 2003, p.66):

“Ninguém cria se não for livre para fazê-lo. Amordaçados não falamos. As rígidas disciplinas escolares não favorecem a criatividade. Não é somente a atividade lúdica, com jogos e brincadeiras, que pode contribuir para formar inteligências criativas, mas é dela que estamos falando, e é ela que pode fertilizar a liberdade, a criatividade e a ruptura com as velhas

fórmulas educacionais”.

As crianças quando brincam, cantam, recitam versos no centro da roda, adquirem sensações distintas, participam de um mundo desconhecido que as ajudam a construir sua própria identidade. O contato com as outras crianças, no momento da dança girando na roda, faz com que elas percebam o equilíbrio e o movimento do próprio corpo entrando em harmonia, observando também a musicalidade de sua voz.

Especialistas insistem que a música é a primeira e mais transcendental das linguagens. Segundo YUNES, a música:

rompe as barreiras das culturas com mais agilidade que a própria poesia, guarda, com esta, uma relação de parentesco evidente, pelo ritmo e talvez pelas imagens que suscitam, cada qual a seu modo (2007, p. 07).

A brincadeira mesmo que aleatória e indeterminada exige sempre daqueles que brincam uma tomada de decisões. Esta característica da brincadeira influencia no desenvolvimento do seu autocontrole. De forma imaginária, as crianças podem assumir diferentes papéis e atribuir às suas ações e objetos com os quais interagem diversos significados. Sendo assim, a criança está sujeita a escolhas. As regras que dinamizam as brincadeiras são as primeiras restrições encontradas pela criança para suas escolhas. Portanto, a brincadeira é uma atividade voluntária e consciente. Para Brøugere apud Wajskop (1989 p. 31) a brincadeira é:

“O lugar da socialização, da administração da relação com outro, da apropriação da cultura, do exercício da decisão e da invenção. Mas tudo isso se faz segundo o ritmo da criança e possui um aspecto aleatório e incerto.

Quem brinca pode sempre evitar aquilo que não gosta. Se a liberdade caracteriza as aprendizagens efetuadas na brincadeira, ela produz também a incerteza quanto aos resultados. E, embora incerto e fabuloso, a brincadeira é espaço de aprendizado significativo, sendo benéfico até mesmo à saúde mental do ser humano. Pois dá vazão à expressividade, ao exercício da

relação afetiva com o mundo com as pessoas e com os objetos.

Quando se refere ao brinquedo, Vygotsky assegura que a criança, através dele, projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim, o brinquedo antecipa e dirige o desenvolvimento, porque com ele a criança vai adquirindo motivação, habilidades e atitudes necessárias à sua participação social, que se ampliará num processo de interação com seus pares e com os adultos. Vygotsky (1988)

afirma que para a criança, os jogos são lembranças e reproduções de situações reais, uma vez que, através da dinâmica de sua imaginação e do reconhecimento de regras implícitas que dirigem atividades reproduzidas em seus jogos, a criança expande a sua linguagem verbal e adquire um controle elementar do pensamento abstrato.

Brincar pode ser considerada uma atividade livre, espontânea e (im)previsível. Ela é, ao mesmo tempo, um modo de constituição da infância, um modo de apropriação do mundo, de maneira direta e ativa. E, ainda: a brincadeira, por meio da representação colabora para o desenvolvimento da linguagem e da fantasia. Quando se reúnem, as crianças interagem espontaneamente com outras crianças. Parreiras (2008) afirma:

“a interação da criança com as pessoas e consigo mesma encontra no brinquedo um objeto de comunicação, de inter-relação e de diálogo. Podemos olhar o brinquedo como uma ponte, um objeto de transição da subjetividade para a vida cotidiana, do mundo de dentro para o mundo de fora e vice-versa (p. 40-41).

Crê-se que, antes mesmo que se tivesse elaborado as teorias e metodologias musicoterápicas para acalmar os pequenos, as cantigas de ninar já acalmavam a angústia do sono. Sendo assim, um dos alimentos mais simples e profiláticos para o espírito é a música, através dos acalantos, ela conta com a vantagem de vir associada a versos, quase sempre delineando uma narrativa, ou seja, uma história que é contada através do canto.

Lendo Vayer (1989, p. 64) compreende-se que é através da comunicação corporal que a criança pode construir sozinha, em relação com os objetos, a

noção de espaço: dentro, fora, em cima embaixo, perto, longe. São todas as relações topológicas que se tornarão as bases do raciocínio e da matemática.

2. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES NESTE ESTUDO

Com base no pensamento Vygotskyano, compreendo que a brincadeira tem influência significativa no desenvolvimento da criança e pode trazer benefícios que a acompanharão por toda a vida. Quando se refere ao brinquedo Vygotsky afirma:

No brinquedo, a ação está subordinada ao significado; já na vida real, obviamente a ação domina o significado como um protótipo e forma predominantemente da atividade do dia a dia da criança (1993, p.133).

Vayer (1989) estuda a sociologia da ação educativa e o diálogo corporal da criança, e argumenta que, é através da comunicação corporal que a criança pode construir sozinha, em relação com os objetos, a noção de espaço: dentro, fora, em cima, embaixo, perto, longe. São todas as relações topológicas que se tornarão as bases do raciocínio e da matemática.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil³ (1998) chama a atenção de educadores no que se refere ao emprego da música no contexto escolar. O RCNEI alerta para o fato de que a música tem sido em muitos casos, um recurso para atender a vários propósitos, tais como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos, isto é: lavar as mãos antes do lanche; escovar os dentes; respeitar o semáforo etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de

³ Documento que trata de diversos temas pertinentes à educação da criança, tanto no plano teórico como prático, e traz orientações aos educadores que almejam uma educação contextualizada, reflexiva e crítica.

forma mecânica e estereotipada ao invés de, por meio dela, integrar aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

“Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa ocorrem, de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil” (1998 p. 23).

Antes de adentrar o cerne deste estudo convém explicar de que maneira a coleta de dados foi realizada. O Centro de Ensino Municipal Ataíde Juracy Conceição foi a instituição selecionada. Esse trabalho foi realizado por Andréa Nascimento⁴, durou quinze dias letivos e constituiu-se das seguintes etapas: observação de uma turma de jardim II em atividade com a professora regente; interação com as crianças objetivando conquistar confiança e um espaço adequado para fazer entrevistas. E, desenvolver atividades contextualizadas (iniciais, diversificadas e gráficas) de leitura da canção *O cravo e a rosa*.

Nessa perspectiva, busco nas histórias contadas pelas crianças, situações vividas por elas em família (relações entre pais, irmãos etc.) e tento perceber também se as perguntas feitas pela entrevistadora favoreceram a expressão verbal da criança na construção de narrativa. Dezoito crianças participaram desse experimento, sendo nove meninos e nove meninas. E, para identificá-las, mantendo o anonimato, extraí do nome verdadeiro algumas letras.

Vejamos a seguir:

1 - Elly – (01/06/2003)

⁵Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa são um para o outro?**

Elly – Namorados.

Entrevistadora - **Por que você acha isso?**

Elly - Só pode, porque ela gosta muito dele.

⁴ Graduanda de Pedagogia (2010.1), em fase de elaboração de monografia sobre o tema cantigas de roda e sob minha orientação.

⁵ Emprego a fonte em negrito para destacar as perguntas feitas pela entrevistadora.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Elly – Não sei. Porque o cravo e a rosa não fizera m nada... É porque um homem abraçou ela, o cravo ficou zangado e brigaram.

Entrevistadora – **Você tem irmãos? Primos?**

Elly – Tenho só um. Eu brigo porque ele caça conversa toda hora, puxa meus cabelos, sai me arrastando...

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria a eles?**

Elly – Não briguem porque vocês vão se casar.

Pesquisadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Elly – Me sentia mal. Não fiz nada com a pessoa.

Pesquisadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Elly – Eles dois brigam, ele ficou ferido... (risos) ela ficou despedaçada... (risos) ele tirou desmaio, ela pôs “pa” chorar. O cravo e a rosa.

Pesquisadora – **Quem são o cravo e a rosa?**

Elly - Pessoas.

Para explicar o desentendimento entre o cravo e a rosa, Elly imagina que uma terceira pessoa foi responsável. Na vida real, com seu único irmão, ela não incita, não inicia um desacordo. Prefere ficar quieta, sem provocações. Elly criança consegue reconstruir a história, incluindo os elementos estruturantes (introdução, desenvolvimento e desfecho) da narrativa.

2. Alby – (09/09/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Alby – Casados. Minha mãe casou com o meu pai.

Entrevistadora - **Por que você acha que eles eram casados?**
Porque casaram-se.

Pesquisadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Alby – Tenho irmão. Não brigo, meu irmão que começa. Quando ele vai pros fundos da casa, meu pai pega ele e bate nele. Meu pai briga com minha mãe, já enforcou ela, ela deu um tabefe nele jogou ele na parede, tacou no chão, ele foi pra casa da minha avó chorando.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria a eles?**

Alby – Não pode brigar.

Entrevistadora - **Por quê?**

Alby - Porque papai do céu não gosta.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém?**

Alby – Mais ou menos.

Entrevistadora - **Ninguém nunca te feriu?**

Alby - Não.

Entrevistadora - **Se alguém te ferisse o que você faria?**

Alby - Falava pra minha mãe e dava um murro nele pra ele desmaiar, meu pai não gosta que me batam, minha mãe diz pra eu bater em quem me bater.

Entrevistadora - **Você acha certo?**

Alby - Não.

Entrevistadora - **Por que?**

Alby - Porque não obedece, tem que obedecer as mães.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Alby – Os cravos dançando e brigando. Os pais, os cravos.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa?**

Alby - É um casal. O cravo é um papagaio e a rosa é um papagaio.

Histórias da vida familiar de Alby estão entrelaçadas ao contexto da referida canção. Ele conta com riqueza de detalhes os desentendimentos em casa, as brigas entre seus pais etc. As orientações que recebe da mãe: *“minha mãe diz pra eu bater em quem me bater”*. Não seria este ensinamento uma confirmação de que violência gera violência? *“Falava pra minha mãe e dava um murro nele pra ele desmaiar”*. Nos trechos finais Alby conduz a narrativa noutro sentido, quando diz que o cravo e a rosa são aves, baseando-se no costume de chamarmos de rosa, a fêmea do papagaio. Inclusive dando ao papagaio macho o nome de cravo.

3 - Dka - (05/02/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Dka – Eles... Eu acho que eram amigos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Dka - Porque ele ficou ferido...

Entrevistadora - **Qual o motivo?**

Dka - Porque de a rosa ficou brigando com ele.

Entrevistadora - **Por que será que ela brigou?**

Dka - Porque a rosa foi visitar ele.

Dka segue um raciocínio de que o cravo e a rosa são amigos e que, primeiramente, ocorreu uma briga entre eles e que o cravo ficou ferido. Para Dka foi a rosa quem iniciou a briga e foi ela mesma quem visitou o cravo. Vejamos o que diz Dka quando se refere à família: *Tenho nove irmãos e cinco amigas. Não brigo com meus irmãos. O meu irmão briga com minhas amigas*. Quando foi perguntado: Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria a eles? Dka responde: *Eu ia dizer bem assim: não brigam. Eu já vi eles dançando na porta da minha casa*. Relembrando outra situação de seu cotidiano familiar, Dka afirma: – *Quando eu vou pra casa da minha irmã, meu irmão fica me machucando, eu fico triste. Eu falo pra mãe deles*.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história? Quem são os personagens?**

Dka – Eles brigando.

Entrevistadora - **Quem?**

Dka - O cravo com a rosa.
Entrevistadora - **Por que eles brigaram?**
Dka - Porque eles são amigos. O cravo e a rosa.
Entrevistadora – **Você já viu um cravo e uma rosa?**
Dka - Já.

Dka parece compreender a história ficcional semelhante às histórias reais, isto é, entre humanos. Entretanto ao finalizar, ela diz que o cravo e a rosa “*é um casal. O cravo é um papagaio e a rosa é um papagaio*”.

4 - Enu (20/11/2003)
Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**
Enu – Não sei. Amigos.
Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**
Enu – Não sei.
Entrevistadora - **Na tua opinião...**
Enu - Porque não estava dando certo a amizade deles.
Entrevistadora - **Por que você acha que não estava dando certo?**
Enu - Não sei.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**
Enu – Tenho um irmão. Ele bate em mim, meu pai não me cuida como filho, só gosta do meu irmão. Meu pai largou minha mãe.
Entrevistadora - **Por que você acha que seu pai não gosta de você?**
Enu - Porque ele não me dá nada, só pro meu irmão.
Entrevistadora - **Sua mãe gosta de você?**
Enu - Gosta que tu nem imagina.
Entrevistadora - **Você se sente triste porque eles se separaram?**
Enu - Sim.
Entrevistadora -- **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Enu – Eu dizia: parem de brigar. Eu dizia assim: eu não gosto de confusão. Meus primos caçam conversa comigo, eu não tenho medo deles não. O meu primo Jonas é saliente. Ele me bate.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Enu – Humilhado. Batia nele porque eu não gosto que me bata. Ninguém gosta que bata em alguém.
Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**
Enu – Eles brigaram... o cravo e a rosa.
Entrevistadora - **O que são o cravo e a rosa?**
Enu - Duas “flor”. Já vi muitos deles, quando eu vou viajar com o meu tio ele vai pra uma fazenda e eu vi um monte de flor eu “ranquei” e plantei no jardim da minha casa. Eu sei um monte de espécie de flor.

Embora vivendo uma dura realidade com os desentendimentos em família, Enu não deixa escapar o sentido da narrativa – a briga entre o cravo e a rosa. A fantasia alimenta o imaginário infantil e ao mesmo tempo permite dialogar e entender situações do mundo real. No cerne do pensamento de Vygotsky está

a compreensão de que a criança, ao brincar, projeta-se para situações futuras, exercitando sua capacidade para resolver problemas reais.

5 - Dcris (20/05/2004)

Entrevistadora – **O que você achou da canção? O que sentiu ao ouvi-la?**

Dcris - Um pouquinho feinha, mas eu acho um pouquinho bonita, tá bom tia?

Entrevistadora - **Você tem que falar a verdade, o que você acha?**

Dcris - Eu acho feia.

Entrevistadora - **Por que?**

Dcris - Porque ela é feia, porque eu nunca escutei, eu não gosto dela.

Entrevistadora - **Qual o motivo?**

Dcris - Porque não tá alegre, eu quero ouvir a música do Michael Jackson. Eu tenho uma música dessa só que é alegre e triste, eu não tenho uma música de Deus.

Dcris não se concentra no enredo da narrativa. De um instante para outro ele muda de opinião. Parece que ele responde sim afirmando que a canção é *um pouquinho bonita* para, ao agradar a entrevistadora, ser atendido em seu pedido de ouvir a música de Michael Jackson.

Entrevistadora - **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Dcris – Eu achava que eles era esposos é mais melhor, ser felizes para sempre.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Dcris – Porque eles queriam... Porque eu não sei, eu não vi o cravo fazendo nada. Eu acho que ele brigou com ela, depois brigou de novo, não foi?

Dcris - **Qual foi o motivo?**

Dcris - Eu não sei o que é motivo.

Entrevistadora - **É a causa.**

Dcris - Ah isso tá falando no DVD, no rádio... Foi porque eles se separaram. Por que eles se separaram? Porque sim, porque o outro brigou com o outro.

A célebre frase: “*Felizes para sempre*” está presente nos dizeres de Dcris. Isto possivelmente sinalizando conhecimentos anteriores que ela possuía acerca de narrativas tradicionais (os contos de fadas) que têm esse desfecho.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Dcris – Tenho três irmãos. Não brigo com eles, eu fico só com eles abraçados, nós “fumo” no cinema assistir filme de terror... Oh tia eu quero ouvir o Michael Jackson, a senhora não quer botar.

Quando o assunto é a família, Dcris fala com satisfação e de forma positiva, expressando carinho, afeto, união. Entretanto, não se desliga de seu desejo maior no momento da atividade proposta: ouvir Michael Jackson.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria a eles?**

Dcris – Para de brigar! É isso?

Entrevistadora - **Você é que tem que dizer.**

Dcris - Eu ia dizer pra eles parar de brigar, parar de separar e não se casar mais, só ficar namorando, só que eu vou deixar eles se casar, tá bom? Pronto só isso. Agora pode botar o CD do Michael Jackson?

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Dcris – Eu ia sentir o coração é isso. Eu ia sentir que eu tava doente né? Eu orava aí eu sonhei, minha mãe disse se não orar sonha. Eu ia sentir que eu tava doente.

Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**

Dcris - Bater nela, porque ela me bateu aí eu bato nela.

Entrevistadora - **Você acha correto bater nas pessoas?**

Dcris - Acho.

Entrevistadora - **Por que?**

Dcris - Porque sim.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Dcris – Aconteceu assim (ele levantou e gesticulou) aconteceu eles brigando. Chapeuzinho vermelho, Branca de neve, os três porquinhos, o cravo e a rosa, o caçador.

Entrevistadora - **Todos esses personagens estão nessa história?**

Dcris - Sim.

Entrevistadora - **Canta a música e mostra onde estão esses personagens.**

Dcris - Sorrindo ele respondeu: Tem não. Só tem o cravo e a rosa.

Por que você disse que tem todos esses personagens? É porque eu não sei de nada não eu sou bebê tá entendendo? Entrevistadora -

Quais são os personagens dessa história?

Dcris - O cravo e a rosa, só esses dois.

Dcris fica dividido entre o desejo de terminar logo com a entrevista respondendo para livrar-se e então, ouvir o CD de Michael Jackson. Para tanto ele inclui em seus dizeres conhecimentos anteriores acerca de personagens de contos de fada. Quem sabe, na tentativa de ser atendida em seu desejo momentâneo.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa? Você já viu e tocou em um cravo e uma rosa?**

Dcris - A rosa é uma pessoa, minha tia o nome dela é rosa. **O que é o cravo?** É uma pessoa o nome do meu tio é cravo.

Essa criança deixa-nos entender que a história lida pode relacionar-se com a história de vida. As flores – cravo e rosa podem ser consideradas pessoas.

6 - Kmy - (07/10/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Kmy – Amigos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Kmy – Não sei. Por causa que eles brigaram mesmo.

Entrevistadora - **Qual será o motivo?**
Kmy - Porque um foi ruim, o outro também.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos?**
Kmy – Tenho. Não.
Entrevistadora - **Você costuma brigar com eles?**
Kmy – Não.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Kmy – Sentia ruim. Batia também.
Entrevista - **Você acha correto bater nas pessoas? Não. Porque você bateria em quem te bateu?** Porque sim.
Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história? Quem são os personagens principais?**
Kmy – O cravo brigou com a rosa, o cravo saiu doente ai a rosa ficou toda despedaçada. É o cravo e a rosa só.
Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa? Você já viu e tocou em um cravo e uma rosa?**
Kmy – A rosa uma rosa mesmo, uma flor o cravo eu não sei o que é. Só uma rosa.

O entendimento da narrativa para Kmi parece não ir além do sentido da cantiga. Se em algum momento ela diz que cravo e rosa são irmãos e eles são flores noutro momento do diálogo ela parece acreditar que “esse desentendimento” aconteceu entre duas pessoas: *O cravo brigou com a rosa, o cravo saiu doente ai a rosa ficou toda despedaçada. É o cravo e a rosa. Só.*

7 - Gill (30/06/2003)
Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**
Gill – Irmãos.
Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**
Gill – Não sei.
Entrevistadora - **Qual sua opinião?**
Gill - Porque a mãe brigou com o cravo ai eles tava brigando.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**
Gill – Tenho dois homens gêmeos, mais velhos.
Entrevistadora - **Você briga com seus irmãos?**
Gill - Sim porque...(risos) porque eles são salientes eles diz que os outros tá namorando.
Entrevistadora - **Dizem que quem está namorando?**
Gill - Eu e eu não gosto não.
Entrevistadora - **Você bate neles?**
Gill - Não, só falando.
Entrevistadora - **Você fala palavrão?**
Entrevistadora - Não.
Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Gill – Pra parar.
Entrevistadora - **Por quê?**
Gill - Porque isso não é de Jesus.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Gill – Mal. Nada.

Entrevistadora - **Por quê?**

Gill - Porque não.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história? Quem são os personagens?**

Gill – O cravo deu um desmaio. O cravo, a rosa e a mamãe.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa? Você já viu e tocou em um cravo e uma rosa?**

Gill – O cravo é amarelo e a rosa é a cor rosa.

Entrevistadora - **O que é uma rosa?**

Gill - É uma flor.

Entrevistadora - **E o cravo?**

Gill - Também. Já vi os dois.

É possível notar que Gill traz para o seu enredo uma personagem – a mãe.

8 - Mavita - (21/05/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Mavita – Amigos

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Mavita – Porque? Porque não sei, não sei não tia.

Entrevistadora - **Qual sua opinião?**

Mavita - Por causa que ele tava ferido.

Entrevistadora - **Quem?**

Mavita - O cravo.

Neste trecho percebo um equívoco de Mavita quando diz que a causa da briga entre o cravo e a rosa é o choro. O choro pode ter sido a reação do cravo diante da briga com a rosa.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Mavita – Tenho dois, vou ter ainda um, mas é homem. Sim, quando eu brigo com ele, ele me bate.

Entrevistadora - **Você também bate nele?**

Mavita - Ahã.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Mavita – “Não briguem-se”.

Entrevistadora - **Por que?**

Mavita - Porque sim.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Mavita – Sentiria ruim. Não me bate eu sou criança.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história? Quem são os personagens principais?**

Mavita – O cravo morreu.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa? Você já viu e tocou em um cravo e uma rosa?**

Mavita – Uma flor.

Entrevista - **Você já os viu?** Ahã...

9 - Saul - (29/01/2004) 5 anos

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Saul – Não sei... São primos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Saul – Não sei.

Entrevista - **Qual sua opinião?**

Saul - Não sei.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Saul – Tenho um irmão e tenho primos também. Eu tenho uma prima, uma menina gorda. Eu brigo com meu irmão porque ele fica caçando conversa.

Entrevistadora - **Briga com os primos?**

Saul - Não.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Saul – Não sei.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Saul – “Doeno”. Devolveria a mesma batida que deu.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Saul – O cravo ficou doente ai a rosa desmaiou...

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa?**

Saul – A rosa é uma flor vermelha, o cravo é uma flor laranjada.

Saul mantém-se no universo imaginário, no qual cravo e rosa são flores. Ele responde às perguntas sobre a família de forma desvinculada da história. Parece não estar envolvido no enredo.

10 - Wes - (28/12/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Wes – Amigos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Wes – Porque eles tava... (pausa) a rosa tava caçando conversa com o cravo ai eles ficaram brigando. Porque eles brigaram, eles ficaram felizes ai depois eles ficaram tão...tão...tão brigantes o tempo todo assim. Tia, o dia não tá mudando? Ai a rosa caçou mais conversa que o cravo. Tudo que a gente faz é ficar feliz mas brigar não pode. Quando a outra vai casar com o outro, a mulher não larga o homem? E o homem não larga a mulher? Quando a gente se sente feliz a gente se sente feliz demais, quem botou essa coisa aí foi Deus. Deus é o pai mais bom do mundo, Jesus é o nosso pai lá do céu. Quando a gente fica feliz...ai o cravo e a rosa...a rosa caçou mais primeiro. Só isso tia.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Wes – Não, só primos. Eu nem brigo com eles porque eles são obedientes, eu obedeço meu pai, eu obedeço minha mãe porque a coisa mais feliz do mundo é o Deus.

Entrevistadora - **Você não briga com seus primos?**

Wes - Não, eu só briguei uma vez com meu primo da outra escola quando eu fiz seis anos ele caçou conversa o dia inteiro comigo.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Wes – Dizia que nós tem que fazer uma coisa boa, que a gente tem que obedecer Deus se nós não obedecer Deus, ele vai mandar uma

chuva tão forte que vai tirar os nossos amigos.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Wes – Eu ia sentir tão ruim. O Deus vai mandar o outro caçar conversa comigo e eu não gosto. Olha tia a senhora já viu rato falando? Pois eu já vi o rato falando e eu nem sei como esse rato tá falando, nem sei como.

Entrevistadora - **Você viu quando?** Um dia... Eu já vi rato falando de videogame né tia? Eu não sei, eu nunca vi porque rato não fala né tia? Olha criança é obediente mas adulto não é, se a criança fosse obediente Deus mandava um presente pra nós. Eu vi um rato de videogame lá em Fortaleza, que eu viajei com meu pai e minha mãe só. **Você é evangélico?** Que igreja tem tia? Eu vou com minha mãe porque o pai não quer orar.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Wes – O cravo ficou doente aí a rosa desmaiou.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa?**

Wes – A rosa é uma flor vermelha e o cravo é uma flor laranjada.

11 - Ezi – (13/05/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Ezi – Namorados.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Ezi – Porque...eles brigam, eles não se gostavam.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Ezi – Tenho só um irmão de onze anos.

Entrevistadora - **Você briga com ele?**

Ezi - Brigo.

Entrevistadora - **Por que?**

Ezi - Porque ele fica botando fogo no computador na loja da minha mãe e ela fica brigando pra nós ir embora. Quando meus amigos vão lá em casa eu pego o suco na geladeira e boto gelo aí o meu irmão briga comigo.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Ezi – Pra eles parar. Pra eles parar porque tá ficando sempre junto, pronto só isso.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Ezi – “Doeno”. Falaria pra minha mãe.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Ezi – O cravo e a rosa. E aí o outro dia nós fizemos apresentação da Branca de Neve e os Três porquinhos.

Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa?**

Ezi – Uma flor.

Ezi revela uma insatisfação vivida por ele com o irmão mais velho. No que se refere ao enredo de O cravo e a rosa, ele compreende que a história conta uma briga entre um casal de namorados. Entretanto, não vai, além disso. Ela não encontra relação com sua vida em família. Entende como situações distintas e

distantes.

12 - Hudy (23/09/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Hudy – Irmãos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Hudy – Por causa... é... não sei não.

Entrevistadora - **Na sua opinião por que eles brigaram?**

Hudy - Porque eles tavam com raiva.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Hudy – Tenho dois. **Você briga com eles?** Brigo. **Por que?** Porque eles caçam conversa comigo.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Hudy – Pra eles parar de brigar.

Entrevistadora - **Por que?**

Hudy - Não sei não.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Hudy – É... dor.

Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**

Hudy - Eu ia fazer do mesmo jeito.

Entrevistadora - **Por que?**

Hudy - Porque ele fez isso primeiro.

Entrevistadora - **Você acha certo?**

Hudy - Acho, porque ele que caçam conversa.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Hudy – Eles brigaram.

Hudy relata as divergências que existem entre ele e os dois irmãos. E diz defender-se nas brigas quando iniciadas pelos irmãos. No que se refere à história, essa criança realça o desentendimento entre o cravo e a rosa, tal como acontece em sua vida familiar. As perguntas feitas pela entrevistadora propiciam esse diálogo – realidade e fantasia.

13 - Sam - (29/01/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Sam – Namorados.

Entrevista - **Por que?**

Sam - Porque é.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Sam – Sei não.

Entrevista - **Na sua opinião por que eles brigaram?**

Sam - Pela roupa do cravo e a rosa que eles compraram.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Sam – Tenho duas irmãs.

Entrevistadora - **Você briga com elas?**

Sam - Não, mas a mãe manda elas me baterem porque eu não quero

dormir de tarde, é muito ruim eu quero ir pro quintal soltar pipa.
Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Sam – Nada.
Entrevistadora - **Não falaria nada?**
Sam - Eu ia falar que eles ia se machucar.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Sam – Ia pro hospital.
Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**
Sam - Eu metia um murro neles.
Entrevistadora - **Você acha correto fazer isso?**
Sam - Sim.
Entrevistadora - **Por que?**
Sam - Porque sim.
Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**
Sam – O cravo brigou com a rosa debaixo de uma sacada, o cravo ficou ferido, a rosa “debaçada”, o cravo desmaiou.

Sam demonstra que compreendeu o sentido da história. Quando o assunto é a família ou eventos da vida, ele tem um posicionamento de reagir para se defender. Quando questionado se é ou não correto, ele recorre aos ensinamentos religiosos, como podemos perceber neste trecho: **É correto bater nas pessoas? Não. Por que?** Porque Jesus não gosta. **Se alguém te batesse você bateria?** Não, eu corria.

14 - Sally – (28/07/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**
Sally – Nada.
Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**
Sally – Não sei.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**
Sally – Tenho um irmão. **Você briga com ele?** Não.
Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Sally – Sei não.
Entrevistadora - **Não falaria nada?**
Sally - Não sei.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém?** Entrevista - **O que faria?**
Sally – Nada... Eu ia pedir desculpa.
Entrevistadora - **A pessoa que te bateu, o que você faria com ela?**
Sally - Não sei.
Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história? Quem são os personagens principais?**
Sally – Eles se brigaram.
Entrevistadora - **Quem são os personagens principais?**
Sally - A rosa... Só.
Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa? Você já viu e tocou**

em um cravo e uma rosa?

Sally – Sei não.

Entrevistadora - **Você já viu um cravo e uma rosa?**

Sally - Não.

Sally responde negativamente à maioria das perguntas. Parece não se envolver com a história. E de modo introspectivo, ela diz não saber responder, mesmo quando a pergunta é sobre aspecto específico de sua vida.

15 - Jhene - (15/10/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Jhene – Sei não... São primos.

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Jhene – Não sei.

Entrevistadora - **Na tua opinião...**

Jhene - O que é isso tia?

Entrevistadora - **É o que você acha.**

Jhene - Não sei não tia.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**

Jhene – Não tenho irmãos só primos.

Entrevistadora - **Você briga com eles?**

Jhene - Tem hora.

Entrevistadora - **Por que?** Porque sim.

Entrevistadora - **O que eles fazem pra brigarem?**

Jhene - Eles me batem.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**

Jhene – Pra parar.

Entrevistadora - **Por que?**

Jhene - Porque sim.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Jhene – Ruim.

Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**

Jhene - Nada.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Jhene – Não sei.

Entrevistadora – **O que é uma rosa?**

Jhene - Uma flor.

Entrevistadora - **E o cravo?**

Jhene - Uma folha.

Percebo que Jhene, tal como ocorreu com outras crianças, necessita de mais explicitações para, então, expressar ideias, manifestar opiniões. Isto me convence de que o espaço de sala de aula deve ser o de promover situações interativas, dialógicas e discursivas. Um aspecto importante que diz respeito à atuação do professor...

16 - Mar - (09/02/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**
Mar – Não sei... irmãos
Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**
Mar – Não sei. **Na sua opinião qual o motivo?** Não sei.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos?**
Mar – Tenho um irmão. **Você briga com ele?** Brigo não.
Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Mar – Eu ia dizer pra eles parar de brigar.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Mar – Eu ia me sentir... Sei não.
Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**
Jhene - Quando alguém me bate eu bato nele, eu bato em quem me bateu.
Entrevistadora - **Por que?**
Jhene - Porque me bateu.
Entrevistadora - **Você acha certo?**
Jhene - Sim... Não, eu acho errado.
Entrevistadora - **E por que você bate?**
Jhene - Não sei.
Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**
Mar – Não sei.
Entrevistadora – **O que são o cravo e a rosa?**
Mar – O cravo é uma flor e a rosa também.

Mar parece não querer se envolver nem com o enredo da história, tampouco com fatos relacionados à vida familiar. Ele responde – *não sei* para a maioria das perguntas feitas pela entrevistadora.

As crianças ainda não se acostumaram com a ideia de dar opinião, pensar de modo diferente do(a) colega..

17 - Cadu (05/03/2004)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**
Cadu – Irmãos
Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**
Cadu – Porque eles não gostaram.
Entrevistadora - **Não gostaram de que?**
Cadu - Não gostaram de ficar como irmãos.
Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos? Você costuma brigar com eles?**
Cadu – Tenho dois irmãos.
Entrevistadora - **Você briga com eles?**
Cadu - Não.
Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria pra eles?**
Cadu – Pra eles pararem de brigar.
Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**
Cadu – Ruim.
Entrevistadora - **O que você faria com a pessoa?**

Cadu - Ia contar pra minha mãe.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Cadu– O cravo brigou com a rosa.

Nos dizeres de Cadu uma relação harmoniosa na família é importante. Ele declara não brigar com os irmãos e diante de alguma adversidade ele conta para a mãe. Cadu compreende que a briga entre o cravo e a rosa é o ponto principal da narrativa.

18 - Eva – (05/11/2003)

Entrevistadora – **O que você acha que o cravo e a rosa eram um do outro? Amigos? Namorados? Irmãos?**

Eva – Irmãos

Entrevistadora – **Por que será que eles brigaram?**

Eva – Sei não.

Entrevistadora – **Você tem irmãos, amigos e primos?**

Eva – Tenho dois irmãos.

Entrevistadora - **Você briga com eles?**

Eva - Não.

Entrevistadora – **Se você visse o cravo e a rosa brigando o que diria a eles?**

Eva – Não sei não.

Entrevistadora – **Como você se sentiria se fosse ferido por alguém? O que faria?**

Eva – Doer. **O que você faria com a pessoa?**

Eva - Sei não.

Entrevistadora – **O que aconteceu de mais importante nessa história?**

Eva – Sei não.

Eva afirma que *O cravo e a rosa* é uma linda canção, entretanto, nada sente ao ouvi-la. Pelas respostas negativas e curtas de Eva noto que ela não se sentiu envolvida com a atividade proposta, pelo menos no momento da entrevista. Ela não se aventurou por outros caminhos, raciocínios, imaginando, vislumbrando, relacionando com algo de sua vida, de seu cotidiano.

4. AFINANDO A VOZ PARA ENSINAR COM MÚSICA

Neste estudo, relendo os dizeres das crianças acerca da canção, percebe-se que elas conseguem relacionar o conteúdo da narrativa a fatos reais da vida. Ao mesmo tempo, compreende-se que as perguntas feitas pela entrevistadora favoreceram a expressão verbal da criança na construção de seu discurso narrativo.

Foi possível perceber avanços no desenvolvimento da oralidade das crianças, entretanto, muitas questões poderiam ainda ser feitas, a fim de ampliar ideias, raciocínios, suposições etc. Portanto, o(a) professor(a) precisa internalizar conceitos, incorporar ações como também assumir, de forma consciente, uma prática pedagógica lúdica e construtiva. Com efeito, o brincar precisa materializar-se, descer da cabeça, do plano cognitivo para o perceptual, sensorial, enfim, tomar conta do corpo – um movimento que vai da reflexão à vivência, “da brincadeira à consciência, do lúdico ao lúcido”⁶.

Deseja-se acrescentar algumas sugestões viáveis para um trabalho interativo de leitura e produção escrita tomando como base a história *O cravo e a rosa*. Destaca-se em *Forrobodó no forró*, de Elias José (2006), o seguinte poema:

Quadrilha

O cravo, todo prosa,
brigou com a rosa
por causa da violeta.

A violeta, viúva tristonha,
ficou risonha, mas não quis
fazer a rosa infeliz.

O cravo, todo prosa,
voltou pra casa cheio de lero.
Mas a rosa, tão formosa disse:
—Agora eu quero uma flor mais cheirosa
e mais a fim de mim.
Agora, eu quero o jasmim.

Nessa versão apresentada por Elias José, surgem dois novos personagens: uma violeta e um jasmim. O desfecho dessa história de amor é surpreendente: a rosa prefere o jasmim.

São versos rimados construídos com originalidade. Convém ressaltar que esse poema é um intertexto, isto é a fusão entre textos anteriores e contemporâneos. Um trabalho de leitura da literatura que busque realçar a relação entre vários textos, traz elementos da cultura e amplia a imaginação, exercita a capacidade inventiva e leitora da criança.

O cravo e a rosa é um texto literário e como tal é amplo, abre espaço para a subjetividade. A leitura desperta curiosidades, desenvolve a imaginação, incita a

⁶ Trecho extraído do prefácio de *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias*, escrito por Edmilson Sanches (2000) e que inspirou o título deste artigo.

fantasia e suscita as emoções do leitor. Por isso pode colaborar significativamente para a formação da pessoa, na sua maneira de pensar e agir. A criança deve ser estimulada a escrever versos diferentes, desconstruindo o texto original. Também pode buscar inspiração em eventos de seu dia a dia familiar e/ou escolar. Entretanto, ela só será capaz de escrever quando possuir um conjunto bastante rico de ideias, expressões e reunir os elementos de uma proposição, para então compor uma narrativa.

Há também uma versão de *O cravo e a rosa* pertencente ao folclore de Sergipe/AL. Esta composição foi extraída de uma antologia *O cravo e a rosa* e outros cantos, recolhidos por Sílvia Romero (2006) em vários estados brasileiros. É interessante perceber as alterações contidas na letra da referida canção:

O cravo tem vinte folhas,
a rosa tem vinte e uma,
anda o cravo em demanda,
porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou co'a a rosa
debaixo de uma sacada;
O cravo saiu ferido,
e a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
viva o palácio do rei;
Viva o primeiro amor
que nesta terra tomei!

O cravo caiu doente,
a rosa o foi visitar;
o cravo deu um desmaio,
a rosa pôs-se a chorar.

6. CONCLUSÃO

Nesse período de vivência com as crianças, muitas atividades foram realizadas: desenhos, dramatizações, escrita, leitura, diálogos, brincadeiras em geral. Relendo os dados, é possível perceber que a dramatização da canção serviu para explorar a imaginação das crianças fazendo com que elas se envolvessem com a história sendo personagens. Uma das particularidades da criança (no período pré-operacional) é a capacidade de perceber as coisas

como vivas e dotadas de intenção.

Há um animismo infantil que pôde ser percebido especialmente na canção *O cravo e a rosa*, considerada a preferida pelas crianças. Para elas os personagens são seres vivos com vontades próprias. O cravo e a rosa tiveram uma briga. O cravo ficou ferido, machucado e a rosa despedaçada/despetalada.

Devido a esse desentendimento o cravo adoeceu e a rosa foi visitá-lo. O cravo não esperava a visita, já que a briga que eles tiveram foi algo muito sério. Surpreso com a visita da rosa, o cravo desmaia. A rosa, de tão assustada, chora. O que se percebe no enredo dessa cantiga é que os dois personagens expressam suas emoções com a situação ocorrida.

Ao final desta reflexão pode-se afirmar que a criança conseguiu perceber fatos de sua vida (as brigas entre os pais, os desentendimentos com os irmãos, o ciúme)etc., e expressar juízos sobre esses acontecimentos. Para Vygotsky (1994) a imaginação ou fantasia, são termos utilizados como sinônimos e revela para a criança um mundo de simbolismo. Observemos a letra da música:

I

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada,
O cravo saiu ferido,
E a rosa despedaçada

II

O cravo ficou doente.
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio.
A rosa pôs-se a chorar.

Em linhas gerais pode-se dizer que as crianças compreenderam *O cravo e a rosa* como uma canção cujo enredo é amoroso e se relaciona com a vida familiar delas. Uma história rica de imagens mentais. Isso agrada a criança, permitindo a ela alimentar-se da fantasia e da imaginação. Foi possível notar que as crianças, por meio das perguntas, conseguiram estabelecer uma relação não só imaginária como também vivencial com a canção. As interferências, as questões que surgiram subitamente na voz da entrevistadora funcionaram como um elo entre a criança e seu meio, suas relações (amizade, carinho, familiares etc). E falando, cantando, desenhando e dramatizando, as

crianças foram expressando ideias, sentimentos e impressões acerca do mundo e de si mesmas.

A música, tal como um brinquedo, pode ser para a criança uma fonte de elaboração de seus conflitos e incertezas e, ao brincar, a criança revela seus medos e coragem. Nessa dinâmica, ela cresce e aprende com toda a sua subjetividade.

Quando se envolve a criança consegue transformar o real naquilo que é desejado por ela. Isso acontece quando ela se imagina atirando o pau no gato, deixando virar a canoa, sendo ela rica, rica e pobre, pobre, e/ou se envolvendo na briga entre o cravo e a rosa. Para Martins (1993, p. 43): “Na oportunidade de brincar, é possível à criança ser o protagonista, o criador”. “O distanciamento leva-a a um mundo onde ela tem uma espécie de poder, o poder de levantar questões, discutir, inventar, criar conceitos novos e transformar”.

As crianças observaram atentamente a letra da canção O cravo e a rosa, isto nos permite entender que a música tem grande significado para elas, pois, elas passam a relacioná-las e compará-las com situações vividas. Após ouvirem a cantiga *O cravo e a rosa* uma criança declarou: *“Meu pai briga com minha mãe, já enforcou ela e ela deu um tabefe nele, jogou ele na parede, tacou ele no chão, ai ele foi chorando pra casa da minha avó.”* A música também leva a criança a refletir sobre regras de boa conduta: *“O cravo brigou com a rosa, mas brigar não pode”. A gente tem que ser feliz... Quem botou isso ai foi Deus.”*

No diálogo sobre a canção, muitas crianças lembraram fatos de sua vida, expressando sua opinião em relação à atitude do cravo e da rosa: *“não pode brigar, não.”* Percebe-se também que na vida as crianças sofrem com as situações de brigas, desavenças em casa e/ou na escola. Muitas consideram um erro, tais eventos.

Finalmente, compreende-se que educar a criança numa perspectiva multi e transdisciplinar significa dar vida aos princípios que regem a Declaração Universal dos Direitos da Criança⁷ (de 20/11/1989). Neste estudo,

⁷elaboração do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

especialmente o 7º princípio⁸ é o que delineia a ação educativa proposta. Nessa perspectiva de educar a criança com respeito aos seus direitos, amplia-se não só o seu nível de letramento (incluindo o literário) como também, requer dos educadores que desde cedo promovam espaços interativos de leitura e expressão artística (desenhos, expressão corporal, escrita etc.). Só vivenciando a leitura sob diversas formas de linguagem é que a criança vai desenvolver as competências necessárias ao uso efetivo da língua, já que ela vive numa sociedade letrada como é a nossa. E, pensando assim, a música é um instrumental rico de expressão, inclusive artística.

REFERÊNCIAS

- BOM-FIM, Tereza. O Livro-de-Imagem: um (pre)texto para contar histórias. 3. edição. Imperatriz, MA: Alma de Artista Edições, 2009.
- _____. O Livro-de-Imagem: um (pre)texto para contar histórias. Caderno de atividades. Imperatriz, MA: Alma de Artista Edições, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- JOSÉ, Elias. Forrobodó no forró. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2006.
- PARREIRAS, Ninfa. O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica. 1. edição. São Paulo: Biruta, 2008.
- PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes. 21. edição. – São Paulo: Cortez, 2005.
- ROMERO, Silvio.
- YUNES, Eliana; FIGUEROA, Amalia Lu Posso. Histórias das terras daqui e de lá; ilustrações: Andréia Resende. – Rio de Janeiro: Zeus, 2007.
- VAYER, Pierre. O diálogo corporal: a ação educativa para a criança de dois a

⁸ A criança tem direito à educação, para desenvolver as suas aptidões, sua capacidade para emitir juízo, seus sentimentos, e seu senso de responsabilidade moral e social. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

cinco anos. São Paulo: Manole, 1989.